



GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais) - Debatedor/a

O acesso à universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minoritários, a exemplo de indígenas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indivíduos ascenderam ao ensino superior como realizações pessoais e/ou estratégias coletivas. Todavia, se ainda persistem inúmeros obstáculos à sua permanência na academia, percursos acadêmicos de indígenas, negros e quilombolas têm sido construídos na contramão das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunicantes atentas aos efeitos dessas trajetórias sobre coletivos indígenas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro questões básicas: [1] até que ponto o acesso à universidade pública tem auxiliado na consolidação/formação de uma autonomia e protagonismo indígena, negro e quilombola em um cenário de deterioração gradual de direitos? [2] Em que sentido a produção acadêmica e política desses atores sociais tem feito diferença em relação ao que, antes, já se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais indígenas/quilombolas/negros? [4] Que repercussões têm sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascensão de indígenas e quilombolas/negros ao ensino superior em níveis de graduação e pós-graduação?

Trajetória profissional de mulheres negras docentes na Universidade de Brasília: desafios e perspectivas

Autoria: Erika Costa Silva

A cultura científica é sublinhada por um ethos masculinista, o modo pelo qual as práticas sociais estão configuradas através de um modelo patriarcal favorece a inserção dos homens nas instituições científicas. Entre as diversas atividades da cultura científica destaca-se a carreira docente. No Brasil a profissão de docente não é apenas masculina como também é racialmente branca. O Censo do Ensino Superior do ano de 2016 divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira informa que no Brasil há apenas 219 mulheres negras que atua como docente em programas de pós-graduações, o que representa 0,4% do total geral. Em um contexto mais específico tais características também pode ser observada, como por exemplo, a Universidade de Brasília. Mais de uma década após a implementação das ações afirmativas para estudantes negros no acesso a graduação, as desigualdades raciais ainda persistem no quadro docente da instituição. Realizamos durante os meses de setembro e outubro do ano de 2017 um levantamento quantitativo para identificar a composição racial do quadro docente da UnB. De acordo com este levantamento identificamos que atualmente a instituição dispõe de um total de 2.437 docentes efetivos, dos quais 47% (1.084) são mulheres e 53% (1.353) são homens, deste total apenas 50 docentes são negros, sendo que 1,51% (24) são mulheres e 1,64% (26) são homens. Estes aspectos indicam as desigualdades de raça e gênero na profissão de docente na instituição. Os dados apresentados são resultados da primeira fase da pesquisa que está em andamento sobre a trajetória de formação profissional de mulheres negras docentes na UnB. A inter-relação entre gênero e raça constituem obstáculos visíveis e invisíveis para as mulheres



negras na profissionalização de docente. Nosso objetivo é apresentar as características dos desafios estruturais da carreira docente para mulheres negras, através dos aspectos da docência na UnB. Constatamos que as mulheres negras docentes na instituição concentra-se especialmente nas área do conhecimento das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, áreas como as Ciências Exatas e Engenharias ainda constituem espaços de difícil acesso para mulheres, sobretudo para mulheres negras. Nota-se que a produção científica empreendida pelas docentes negras na UnB é marcada por uma produção do conhecimento devidamente localizada, pois boa parte desta insere-se no campo dos estudos das relações raciais e de gênero. Através do suporte teórico de nossa investigação apoiado no feminismo negro e na crítica feminista podemos compreender quais os desafios estruturais estabelecidos para mulheres negras na profissionalização de docente na UnB.



Realização:



Apoio:



Organização:

